**“NOVINHAS DO ACRE”: REPRESENTAÇÃO E ÉTICA JORNALÍSTICA NA COBERTURA DO SITE AC24HORAS**

**Pâmela Rocha de FREITAS – Ufac[[1]](#footnote-1)**

**Francielle Maria Modesto MENDES - Ufac[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar o modo como a mulher menor de idade e/ou jovem é representada em oito matérias jornalísticas do website de Rio Branco - Acre, ac24horas, a partir do uso do termo “novinha”. Sabemos que a linguagem não é neutra, e por vezes, o uso da palavra “novinha” dentro deste veículo de comunicação ocorre de modo a sexualizar as mulheres, expor seus corpos, trazendo suas sexualidades aos holofotes midiáticos. A “novinha” algumas vezes aparece como uma mulher criminosa ou praticante de desordem, ela participa de brigas com outras mulheres, cuja origem do ocorrido seja algum tipo de rivalidade feminina, e/ou por ações pessoais de algo relacionado a sua sexualidade. Pensando no estudo dessas notícias, escolheu-se usar a metodologia Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016), que apresenta um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Como embasamento bibliográfico, utilizaremos ainda os estudos de autores como Stuart Hall (2016) para discutir questões sobre representação, Fabiana Moraes (2022) e Rogério Christofoletti (2008) para discutirmos as práticas jornalísticas, e em se tratando das discussões de gênero, trabalharemos com Judith Butler (2022), e por fim, o pesquisador Wagner Silva (2019) para conceituar o termo “novinha”.

**Palavras-chave:** ac24horas; ética jornalística; novinhas; representação.

**1. INTRODUÇÃO**

O artigo pretende analisar a forma como a mulher menor de idade e/ou jovem é representada na notícia “‘Novinhas’ do Acre aliciadas para se prostituir na Bolívia são resgatadas pela PF”, publicada em 28 de março de 2021, e assinada pela jornalista Thais Farias. Esse texto é parte do *corpus* da pesquisa de mestrado, que em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, na Universidade Federal do Acre, da autora.

Inicialmente, a inquietação ao ver o termo “novinha” no título de uma matéria, em que vítimas de violência e exploração sexual eram tratadas de forma pejorativa, resultou na curiosidade em perceber o porquê dessa denominação ser usada pelo site. Este trabalho visa auxiliar no entendimento das representações de mulheres no jornalismo do ac24horas ao se referir às “novinhas”, entender as implicações éticas dessa escolha e saber qual a relevância nessa informação trazida logo no título. Dito de outro modo, por que utilizar tal termo seria importante ou traria acréscimo ao entendimento da notícia?

O problema de pesquisa consiste na seguinte pergunta: como o termo “novinhas” é utilizado para representar as mulheres na matéria jornalística do ac24horas? Em se tratando dos objetivos específicos, busca-se: identificar quem são as jovens mulheres e/ou menores de idade representadas nos textos jornalísticos do ac24horas a partir do termo “novinha”; compreender de que forma o jornalismo deste site articula a cobertura sobre gênero, envolvendo mulheres; e analisar como esse jornalismo realiza discussões sobre o corpo da mulher.

Para estudar as matérias, escolhi ainda usar o método Análise de Conteúdo de Lawrence Bardin (2016) que é definido como sendo “um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (2016, p. 37). Para isso, trabalhou-se com a categorização como método efetivo de pesquisa:

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento seguro do gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades e registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuada em razão das características comuns destes elementos (Bardin, 2016, p. 147).

Neste momento, utilizamos o critério de categorização semântico, que inclui a presença do termo “novinha”. Ele foi usado diretamente na barra de pesquisa do website ac24horas e, dez textos jornalísticos fazem parte do corpus de perquisa da disssertação, entretanto, neste trabalhos nos concentraremos apenas na matéria “‘Novinhas’ do Acre aliciadas para se prostituir na Bolívia são resgatadas pela PF”.

O trabalho versa sobre os conceitos de jornalismo, representação e gênero a partir de Fabiana Moraes (2022), Judith Butler (2024), Stuart Hall (2016), Rogério Christofoletti (2008), entre outros.

**2. ANÁLISE E COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

“Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos" (HALL, 2016, p. 31). Para Hall, o sentido não estaria propriamente nos objetos ou nas pessoas, mas sim em quem fixa esse sentido nas coisas. Em outras palavras, o sentido vem de nós para nós mesmos. É construído e idealizado por nós.

Ainda segundo Hall (2016), são os participantes de uma mesma cultura que dão sentido a objetos, acontecimentos, pessoas e situações. Já que as coisas “em si” quase nunca possuem um único significado fixo e imutável, pelo contrário, os sentidos aplicados a determinadas práticas tendem a mudar no decorrer dos anos ou conforme os indivíduos de uma sociedade também mudem.

De forma sucinta, na representação produzimos sentidos pela linguagem. O sistema de representação, então, organiza e classifica as coisas para estabelecer conexão entre elas. Por exemplo, aliança é apenas mais um tipo de anel, porém, é um anel que tem um significado diferente dos demais. Na mão direita, representa o compromisso do noivado, enquanto na mão representa o casamento. Essa representação que existe em torno das alianças foi construída de forma social no meio em que vivemos, e é uma representação comum em diversos países.

O jornalismo não é um ambiente neutro. Na verdade, é um lugar repleto de discursos e representações, e por isso, precisamos estudar e entender como ocorrem. A jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes (2022) nos mostra que o jornalismo é um lugar “construído, organizado e técnico que nos ajuda tanto a pensar nosso cotidiano e a hierarquizar nossas escolhas quanto também nos diz, por exemplo, quem são as pessoas e lugares que valem mais – e, portanto, as pessoas e os lugares que valem menos” (Moraes, 2022, p. 21). Para ela, esse jornalismo que sempre se mostrou sendo acima de paixões e interesses, na verdade faz parte de um projeto bem articulado e executado, no qual é responsável pela estigmatização de pessoas e grupos, e consequentemente por seus apagamentos.

Moraes (2022) destaca ainda que “a objetividade e a neutralidade exigidas de repórteres e performadas pela imprensa servem justamente para esconder essas presenças e valores, atravessados de racismo, misoginia e diversas outrofobias” (2022, p. 33). A pesquisadora encara a ação de não olhar [para o outro] como sendo uma estratégia de manutenção de poder e da imposição de algumas existências sobre as outras.

Somando-se a isso, no pensar de Douglas Kellner (2001):

o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidades e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim, a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade (KELLNER, 2011, p. 11-12).

Segundo o autor, é através dos meios de comunicação, veículos esses que estão presentes em nosso contexto sociocultural, que os profissionais se utilizam de recursos visuais e auditivos para disseminação em massa de ideias, sentimentos, emoções, etc. que são formas garantidas de poder, reforçando comportamentos, consumos, destacando ideias, e diversos outros aspectos.

Para Judith Butler (2022), as representações sobre mulheres, por exemplo, podem tanto ter uma função política, legitimadora, quanto ser uma forma distorcida:

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (Butler, 2022, p. 18).

Ao mesmo tempo que podemos nos apropriar dos discursos para mudar as representações, criar representações novas e difundir ideias – visto que como a língua e a sociedade, as representações são mutáveis –, o oposto pode ocorrer, e é o que vemos com mais frequência no jornalismo. O reforço de ideias pré-existentes, por vezes machistas, sexistas, elitistas etc.

O trabalho do jornalista a partir do que ele produz e compartilha com a sociedade traz significado e apresenta significações que podem ser reforçadas, bem como podem criar novos significados. O trabalho jornalístico é intimamente ligado à linguagem, cultura, identidade e discurso, como vimos aqui. Dessa forma, como dito, pode mudar o contexto social ao longo dos anos, bem como reforçar e reafirmar imposições, poderes e representações já existentes.

Somando-se a tudo o que foi dito, temos o uso do termo “novinha” na matéria jornalística, que para o pesquisador Wagner da Costa Silva (2019), remete à uma hipersexualização das mulheres menores de idade, que no contexto do funk – originalmente entendemos que a expressão surgiu no movimento funk brasileiro, segundo o autor, desperta fetiches tais como o da virgindade. Quando pensado no título da matéria jornalística, o uso do termo pode também remeter a essa hipersexualização de mulheres que, em geral, podem ser menores de idade, mas isso não é uma regra.

No texto analisado não sabemos quem são as mulheres tidas pela jornalista como “novinhas”. Por se tratar de uma notícia envolvendo menores de idade e mulheres vítimas de dois crimes: exploração sexual e tráfico de pessoas, é compreensivel e de bom tom que, de fato, as identidades das vítimas não apareçam, como uma tentativa de resguardar a imagem. Entretanto, não temos nenhum tipo de informação sobre as mulheres, mesmo que de forma genérica, como por exemplo: idade, cidade onde moram, como a polícia chegou até elas para resgatar etc. O não saber quem seriam essas “novinhas” no texto é problemático porque sabendo de quem se fala podemos entender melhor como essas mulheres estão sendo representadas junto à sociedade e quais sentidos foram atribuídos, podendo até evitar generalizações simplistas e que de nada acrescentam para o entendimento da narrativa.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo menos inicialmente, não é fácil perceber e entender a relação dos jornalistas do ac24horas com seus valores profissionais e ainda com suas concepções e percepções sobre gênero. Não sabemos o que a jornalista pensa do mundo ou o que ela pretende ao utilizar certas representações ao invés de evitar. Nesse caso em específico, podemos inferir que a jornalista ao utilizar o termo “novinha” logo no título da matéria, queria instigar no leitor a curiosidade quanto ao assunto da notícia e fazê-lo clicar no texto para ler.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo.** Editora Contexto. SP, São Paulo. 2008.

FARIAS, Thais. **“Novinhas” do Acre aliciadas para se prostituir na Bolívia são resgatadas pela PF.** 2021. Disponível em <https://ac24horas.com/2021/03/28/novinhas-aliciadas-para-se-prostituir-na-bolivia-sao-resgatadas-pela-pf/>. Acesso em 25 de setembro de 2022.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

SILVA, Wagner da Costa. **A mulher sem nuances:** a representação da novinha no mundo do funk. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2019, Parintins – AM.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Apicuri, 2016.

1. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Acre. Mestranda em Letras: Linguagem e Identidade também pela Universidade Federal do Acre. E-mail: pamela.freitas@sou.ufac.br. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora do curso de graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Letras:

   Linguagem e Identidade pela Ufac. E-mail: francielle.mendes@ufac.br. [↑](#footnote-ref-2)